

UMA FIGURA DE ONTEM
— JOÃO ARARIPE

EDIGAR DE ALENCAR

João de Alencar Araripe foi figura destacada da mocidade cearense de seu tempo. Inteligência lúcida, com a curiosidade incontida dos que desejam subir, João Araripe lutou na sua rápida trajetória pela vida contra as limitações que a carreira de comércio lhe impunha. Naqueles tempos, o caixeiro, bem longe do comerciário de hoje, era elemento à parte na vida social, notadamente dos pequenos centros. Inclusive pela escorchante tarefa que cumpria em horário que não seria nem o de sol a sol, pois muitas vêzes entrava noite adentro.

Ainda assim o môço estudioso, com tôdas as qualidades para liderança, jungido embora ao regime escravizante de trabalho e enfrentando os preconceitos com que lutavam os de sua profissão, conseguiu destacar-se na vida social e mental da sua cidade.

João de Alencar Araripe era filho de Ernesto de Alencar Araripe e de D. Carolina Pereira de Alencar. Bisneto de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Nasceu em Fortaleza a 27 de março de 1878. Batizou-se na igreja da Sé a 23 do mesmo mês, tendo como padrinhos o Dr. Rufino de Alencar e D. Dorgival de Araripe Sucupira. Estudou no Liceu Cearense, onde fêz o seu primeiro exame em 11 de novembro de 1889, sendo aprovado plenamente. Casou-se com D. Francisca Rodrigues de Alencar,

de cujo consórcio deixou três filhos: Jorge, Maria Evangelina e Eduardo.

Embora bem sucedido nos seus primeiros exames no Liceu, abandonou os estudos em 1890, para ingressar no comércio, como auxiliar da firma Farias Lemos & Cia. Deve tê-lo feito por vocação, pois seu pai, enérgico, de têmpera forte, cidadão de virtudes à boa moda de antanho, era funcionário da Fazenda e ao que parece com recursos para educação do filho inteligente.

Mas no comércio, embora a rigidez dos horários e o pêso das tarefas, João Araripe continua a estudar. Lê com a avidéz dos jovens de descortino. Prepara-se para o exercício da profissão de guarda-livros e é no desempenho de tais funções que permanece até a sua morte no armazém de tecidos da firma Silva Porto & Cia., para onde se transferira com 13 anos, em 1891, ano em que se fundou, a 24 de maio, a sociedade Fênix Caixeiral.

Não conseguimos apurar se João Araripe estudou na Escola de Comércio da Fênix, onde depois seria professor.

Certo é que o môço não se punha na estacada apenas como empregado no comércio. Dando demonstração de admirável vitalidade, tendo-se em vista as condições de trabalho daquela época, João Araripe estêve presente a todos os movimentos, ainda que alheios à sua classe profissional. Foi um dos fundadores do Grêmio Thaliense de Amadores, agremiação que fêz época, tendo dado talvez mais de trinta espetáculos em Fortaleza.

João Araripe figurava sempre na vanguarda quando se tratava de teatro, e de outras manifestações da inteligência cearense. Seu nome aparece na ata da solenidade realizada pelo Centro Literário no extinguir-se do século passado e no surgir do nôvo século, representando aquêle Grêmio, de que era então o presidente.

Na diretoria da Fênix Caixeiral exerceu continuamente vários postos de relêvo, além do de professor da sua Escola. Ao falecer, a 12 de dezembro de 1913, era membro da comissão construtora do nôvo prédio da atual Praça José de Alencar, a cuja inauguração festiva a 24 de junho de 1915 não teve o gôsto de assistir.

Trinta dias após a sua morte, a Fênix realizou uma sessão fúnebre e distribuiu o jornal *Fênix Caixeiral*, em forma de poliantéia.

Nesta solenidade, o orador oficial afirmou que João de Alercar Araripe fôra, para a Fênix Caixeiral, o que para o Brasil tinha sido Rio Branco.

No relatório do presidente Joaquim Magalhães do ano de 1914, assim termina a nota sobre a morte do benemérito fenista: "Não há expressões que exprimam a grande dor que sofremos com o desaparecimento de tão elevado cooperador de nossa sociedade."

Manifesta a vocação de João Araripe para as letras. Foi orador oficial em várias administrações da Fênix. Em 1906 fundou e dirigiu o jornal *A União*, órgão "consagrado aos interesses gerais e particularmente aos dos empregados do comércio". Esse periódico deixou de circular no mesmo ano em que surgiu "por falta de tempo de seus redatores".

Também foi êle o diretor da revista *Fênix*, de início órgão dos alunos da sua Escola de Comércio.

A atuação de João Araripe na vida social de Fortaleza está intimamente ligada à Fênix Caixeiral, para cujo progresso deu grande parte das suas energias, do seu entusiasmo e da sua inteligência.

Não se olvide que no seu tempo a Fênix Caixeiral se constituía na mais poderosa instituição instrutiva e beneficente do Norte e talvez do Brasil. Era uma agremiação que figurava sempre à vanguarda de todos os movimentos, de tôdas as causas que diziam respeito à evolução cearense.

Na edição primitiva do seu poema *Os Pescadores da Tabiba* (1895), Álvaro Martins em entusiástica e longa dedicatória o eferece à Fênix Caixeiral, "gloriosa falange de moços intrépidos e perseverantes que, nas horas que lhes sobram aos pesados labôres da vida mercantil, dedicam-se quase exclusivamente ao cultivo das belas-lettras e das belas-artes; a êles, pois, que se ofereceram espontâneamente para auxiliar a publicação desta obra, ofereço-a como uma prova de amizade e gratidão, desejando-lhes ao futuro todo o engrandecimento de que são dignos pelo seu constante esforço e trabalho".

Note-se que a esse tempo contava a Fênix apenas quatro anos.

Em artigo que assinava no número especial do jornal *Fênix Caixeiral*, comemorativo do 13.º aniversário da sociedade, em junho de 1904, João Araripe historiava as atividades da associação que transcendiam dos fins estatutários, pois chegou a empenhar-se em campanhas contra o jôgo do bicho, a favor da criação de um corpo de bombeiros, de linha de tiro, etc.

Nesse artigo, a par da firmeza de expressão e segurança dos conceitos, saliente-se o entusiasmo com que João Araripe exercia o jornalismo e o ardor com que expunha suas idéias e convicções.

Desaparecido muito cedo, aos trinta e cinco anos, João de Alencar Araripe, prêso embora às contingências da profissão que exerceu com eficiência e garbo, evidenciou as suas inegáveis virtudes de autêntico líder que o foi.